

# **Abordagens Historiográficas à Arquitectura do séc. XX. Notas em torno do lugar do sistema construtivo na(s) História(s) da Arquitectura Portuguesa.**

**Nuno Magalhães**

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Dinâmia'cet-iul

[nmagalhaes75@gmail.com](mailto:nmagalhaes75@gmail.com)

**Paula André**

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Dinâmia'cet-iul

[paula.andre@iscte-iul.pt](mailto:paula.andre@iscte-iul.pt)

**Resumo:** Sem a pretensão de realizar um levantamento exaustivo, a análise disciplinar que levamos a cabo, partiu de um conjunto de obras que, nos últimos cinquenta anos, contribuíram para a construção de uma historiografia canónica portuguesa (1973-2015). A análise disciplinar a que foram submetidas, foi conduzida por três parâmetros, que nos chegam pela mão de uma matriz da tradição: *Firmitas, Utilitas e Venustas*, recorrendo assim, à relação de equilíbrio que patenteia a tríade vitruviana, de modo a avaliar o lugar que o sistema construtivo irá ocupar, nas análises que os historiadores, e os arquitetos, efetuaram à arquitetura portuguesa do século XX. A importância do sistema construtivo, no contexto das análises, que figuram no discurso patenteado pelas histórias da arquitetura, decorre de um carácter existencial, no tempo e no espaço, que garante uma profunda ligação à tradição. A possibilidade dessa componente existencial, ter sido desconsiderada, pelas histórias seleccionadas, poderá resultar de um pendor anti-histórico, que ainda persiste, na estrutura discursiva, de alguns textos que se debruçam sobre a arquitetura moderna. A análise que efectuámos, procura revelar tendências, que possam estar presentes, no processo evolutivo da historiografia da arquitetura portuguesa do século XX. A operacionalização de uma metodologia, simultaneamente qualitativa e quantitativa, teve em consideração, a maior, ou menor importância, que os historiadores e os arquitetos deram, a cada um dos parâmetros da tríade vitruviana, enquanto enfoques da análise que desenvolveram. A avaliação qualitativa das narrativas que seleccionámos, deu origem a um valor percentual, que procura demonstrar, quantitativamente, o peso que cada um dos parâmetros teve na análise historiográfica.

**Palavras-chave:** Historiografia, arquitetura portuguesa do século XX, análise disciplinar, tríade vitruviana, sistema construtivo

## Abordagens Historiográficas à Arquitectura do séc. XX

A elaboração de uma investigação, que tenha por base, uma *revisão historiográfica*, implica, necessariamente, uma abordagem crítica sobre a mesma. Em contexto internacional, na adoção de uma postura crítica em relação à história da arquitetura do século XX, destacamos a análise que Marina Waisman dedicou ao processo historiográfico. O seu livro *La estructura histórica del entorno*<sup>1</sup>, publicado em 1972, na sequência das primeiras reflexões, em contexto pós-moderno, revela-nos uma aproximação à realidade, que busca uma nova estrutura, uma nova forma de fazer história, onde os conceitos de abertura e flexibilidade, irão substituir a rigidez do objeto arquitetónico. O conceito de estrutura, a que recorre, está mais próximo de valores essenciais ou orgânicos da arquitetura, do que, propriamente, da sua ossatura. Na sua perspetiva, a história da arquitetura terá de recorrer a “material histórico, livre de preconceitos e amplamente abrangente”<sup>2</sup>, para se libertar da tipificação em que havia caído.

Em 1988, Maria Emilia Hernández Pezzi, irá efetuar uma análise<sup>3</sup> que não irá debruçar-se sobre os factos relacionados com a arquitetura moderna. A sua investigação irá focar-se nas interpretações que historiadores, teóricos e críticos deram a esses mesmos factos. A revisão historiográfica que pôs em prática, confrontou-se com o facto, dos principais eventos do Movimento Moderno, terem ocorrido no mesmo momento em que surgiram as suas primeiras interpretações teóricas e históricas. A conjuntura de coexistência, que nos irá descrever, revela-nos uma profunda ligação, e envolvimento, entre história, teoria e prática. Na sua perspetiva, o material histórico poderá ter sido, muitas vezes manipulado, e distorcido, para influenciar a prática arquitetónica.

Em 1990, Marina Waisman irá retornar à historiografia, por via de duas variáveis essenciais: o espaço, e o tempo. O seu livro, *El interior de la historia. Historiografía arquitectónica para uso de latino-americanos*<sup>4</sup>, irá salientar a importância da história, enquanto ferramenta, no processo de conceção, em arquitetura. Na perspetiva de Ruth Zein, esta obra irá abrir “perspetivas muito claras para estabelecer uma base conceptual teórica necessária para estudos e pesquisas em arquitetura em sentido amplo, coisa que não fazem apenas historiadores e teóricos. Nós os arquitetos também o fazemos enquanto fazemos arquitetura em todas as suas formulações, projetuais e não projetuais”. No entender de Ruth Zein, esta obra nunca irá perder de vista que “a arquitetura é (...), antes de tudo, uma prática. E que seus objetos de reflexão vêm da realidade, e que a realidade em qualquer momento tem prioridade hierárquica e valor de referência sobre qualquer reflexão teórica”<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> WAISMAN, Marina – **La estructura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1972.

<sup>2</sup> GOYTIA, Noemí - **La estructura histórica del entorno**, In MOISSET, Inés - Marina Waisman: Reinventar la crítica. 1.ª Edição - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Inés Moisset de Espanes, 2018, p. 29..

<sup>3</sup> PEZZI, María Emilia Hernández - **Historiografía de la arquitectura moderna**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Geografía e Historia. Departamento de Arte, Tesis doctoral, 1988.

<sup>4</sup> WAISMAN, Marina - **El interior de la historia. Historiografía arquitectónica para uso de latinoamericanos**. Bogotá: Escala, 1990.

<sup>5</sup> ZEIN, Ruth - El interior de la historia. Historiografía arquitectónica para uso de latinoamericanos, In MOISSET, Inés - **Marina Waisman: Reinventar la crítica**. 1.ª Edição - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Inés Moisset de Espanes, 2018.p. 37

Em 1999, irá surgir uma obra seminal, em torno da *historiografía da arquitetura moderna*. O autor dessa importante contribuição científica, Panayotis Tournikiotis<sup>6</sup>, irá declarar que a escrita, terá exercido, desde sempre, uma poderosa influência na arquitetura. Na sua perspectiva, o estudo da arquitetura moderna, não pode separar-se do fascínio exercido por textos que tentaram explicar a ideia de uma nova arquitetura, numa nova sociedade. As histórias que irá submeter à análise, tendem a ser escritas, por forma a que o início das mesmas, funcione como uma espécie de representação, ou legitimação, da contemporaneidade. O autor irá analisar o processo discursivo, que constrói os objetos das histórias, que ajuda a concretizar. A análise que operacionaliza, desconstrói o conceito de modernidade, através da sua própria historiografia. Para concretizar esse objetivo, irá analisar as fontes escritas entre o final dos anos vinte e o final dos anos sessenta, períodos onde irá identificar as histórias da génese, do triunfo e do declínio do *Movimento Moderno*. O critério que utilizou para selecionar os textos que compõem o corpus do seu estudo<sup>7</sup>, tem por base o contributo dos mesmos, na formação da percepção coletiva da arquitetura moderna. Panayotis Tournikiotis irá reconhecer a existência, em simultâneo, de um conjunto de narrativas, cuja diversidade de posições, decorre de diferentes crenças sobre sociedade, história e arquitetura, mas que, acabam por tratar o mesmo objeto, a arquitetura moderna. Na sua perspectiva, existem, portanto, vários movimentos modernos. As diferenças a que se refere, surgem das definições de arquitetura moderna, e de modernismo em geral, pois dependem de pessoas, de projetos e de ideias que os historiadores decidem chamar de moderno. A importância desta obra de Panayotis Tournikiotis, no âmbito da investigação em arquitetura, veio a repercutir-se, num renovado interesse pela análise das histórias da arquitetura moderna. O interesse, que, inicialmente, se restringia à arquitetura moderna, tem vindo a alargar o número de enfoques, e a incidir sobre a estrutura analítica das obras de referência.

Uma das repercussões da obra de Panayotis Tournikiotis, surgiu cinco anos após a sua publicação, pela mão da historiadora Maria Garibay<sup>8</sup>. O estudo que leva a cabo, procura expor o ponto de vista do arquiteto, na abordagem historiográfica. A concretização desse objetivo irá passar pela tradução da *historiografía da arquitetura moderna*, de Panayotis Tournikiotis, e por um ensaio introdutório sobre a mesma. A tradução, e o ensaio que desenvolve, disponibilizam uma análise de grande utilidade para arquitetos interessados em história, ou para historiadores interessados em arquitetura. A sua investigação, além de contribuir para o entendimento desta obra de referência, lança pistas sobre o modo como atualmente se estão a desenvolver as investigações em arquitetura.

Em 2006, Dana Arnold coordena uma compilação de textos, em torno da historiografia da arquitetura, que não se limita a uma única linha de investigação, pois irá refletir sobre o atual estado da disciplina, olhando para as mudanças que ocorreram no amplo campo da pluralidade metodológica, teórica e geográfica. Esta antologia, reúne um conjunto de contribuições científicas apresentadas numa conferência, cujo objetivo, era

---

<sup>6</sup> PANAYOTIS, Tournikiotis - **The Historiography of Modern Architecture**. The MIT Press, 1999

<sup>7</sup> Tournikiotis concentra-se num grupo de livros dos principais historiadores do século XX: Nikolaus Pevsner, Emil Kaufmann, Sigfried Giedion, Bruno Zevi, Leonardo Benevolo, Henry-Russell Hitchcock, Reyner Banham, Peter Collins e Manfredo Tafuri.

<sup>8</sup> GARIBAY, Maria Lizbeth Aguilera – **La historiografía de la arquitectura de Panayotis Tornikiotis. Ensayo introductorio y traducción**. Mexico: Universidade Ibero Americana. Tese submetida para obtenção de grau de Mestre em História, 2004.

“explorar as tensões entre os métodos e abordagens da história, arqueologia e história da arquitetura, procurando o caráter distintivo de cada campo de investigação, assim como os pontos de convergência”<sup>9</sup>. No *prefácio* desta obra, Dana Arnold, irá chamar-nos à atenção para o facto dos livros de história da arquitetura, estarem “cheios de eventos do passado que são apresentados como parte de um movimento contínuo de melhoria, ou como histórias, sobre grandes homens, ou como épocas que se destacam das outras. A junção de duas vertentes autónomas, arquitetura, e forças da história, permite-nos observar, como a história reordena a experiência visual, para nos dar uma história da arquitetura”<sup>10</sup>. Na sua abordagem à especificidade da análise historiográfica da arquitetura, Dana Arnold, irá chamar-nos à atenção para o facto das “informações sobre as técnicas de construção utilizadas, nos poderem ajudar a apreciar ainda mais as capacidades do arquiteto. (...) A história de um edifício, está contida dentro de si mesmo”<sup>11</sup>. Na perspectiva desta autora, o edifício constitui o arquivo primário por excelência. No âmbito desta reflexão inicial, Dana Arnold, irá sugerir “que se volte a questão de cabeça para baixo, e se coloque a arquitetura no comando, por assim dizer. Ao usar a arquitetura como ponto de partida, podemos ver os fios complexos e entrelaçados, que compõem a história da arquitetura. Isso implica que a história da arquitetura seja um assunto, ou campo académico de investigação, por direito próprio, e não o resultado das regras de uma disciplina – história – aplicadas a outra – arquitetura”<sup>12</sup>. No contexto desta introdução, Dana Arnold irá sublinhar a importância do cânone, enquanto instrumento regulador da “nossa compreensão e interpretação das evidências”<sup>13</sup>. Na sua perspectiva, os “arquitetos e os edifícios que contribuem para a constituição do cânone, são geralmente vistos, como sendo da mais alta qualidade”. Nesta sua interpretação, o cânone<sup>14</sup> desempenha um papel importante na institucionalização da arquitetura, uma vez que as novas obras podem ser julgadas em função das suas regras. O *prefácio* de Dana Arnold, irá fazer referência ainda, aos dois principais tipos de narrativa que são utilizados pela história da arquitetura: “a narrativa do estilo e a narrativa do autor (arquiteto)”<sup>15</sup>. A coletânea, *Rethinking Architectural Historiography*, está dividida em três secções. A primeira parte começa por reconfigurar os limites fundacionais e contemporâneos da história da arquitetura, em relação a outros campos, como a história da arte e a arqueologia. A reflexão que o capítulo seguinte irá apresentar, envolve-se criticamente com as histórias do passado, e do presente, para nos revelar suposições, preconceitos, e vazios, na história da arquitetura. A conclusão desta antologia irá estabelecer-se por via da exploração das possibilidades oferecidas por novas perspectivas críticas, reenquadrando a disciplina à luz de novos parâmetros e problemáticas.

---

<sup>9</sup> ARNOLD, Dana; ALTAN ERGUT, Elvan; TURAN OZKAYA, Belgin - **Rethinking Architectural Historiography**, Abingdon: Routledge, 2006. p. 17

<sup>10</sup> Ibidem, p. 17

<sup>11</sup> Ibidem, p. 14

<sup>12</sup> Ibidem, p. 16

<sup>13</sup> Ibidem, p. 16

<sup>14</sup> “o cânone, (...) constitui um meio de impor relações hierárquicas, em grupos de objetos que geralmente favorece o gênio individual, e a ideia de “obra-prima”. Além disso, o cânone promove a ideia de que certos objetos culturais, ou estilos de arquitetura, têm maior valor histórico (...) do que outros”. Ibidem, p. 16

<sup>15</sup> Ibidem, p. 16

Em 2010, Andrew Leach<sup>16</sup> irá apresentar-nos uma obra, cuja análise irá debruçar-se sobre *O que é a história da arquitetura?*. O autor começa por referir, que a sua abordagem constitui uma introdução às questões conceptuais, com que se debatem aqueles que escrevem histórias da arquitetura, e que estudam o trabalho dos historiadores da arquitetura. A obra, *What is Architectural History?*, apresenta algumas das questões-chave que moldaram a forma como o conhecimento histórico da arquitetura foi formado, reunido e disseminado ao longo do último século. Andrew Leach, irá assumir a pretensão de fazer uma historiografia da arquitetura, baseada num inquérito ao passado, cujo foco, se encontra na “utilidade que poderá ter, para aqueles que fazem arquitetura”<sup>17</sup>. Andrew Leach, irá chamar à atenção para o facto de não existir “uma definição fixa, trans-histórica, trans-geográfica, de arquitetura, sobre a qual os historiadores possam fazer histórias. A maior parte da história da arquitetura, aplica os termos “arquiteto” e “arquitetura” de modo anacrónico”<sup>18</sup>. No seu entender, a “história da arquitetura é sempre moldada, de uma forma ou de outra, por uma teoria da história e da historiografia, que determina o alcance histórico e o conteúdo da arquitetura, como profissão, disciplina, arte, ofício, ciência ou técnica”<sup>19</sup>. Na perspetiva de Andrew Leach, “os grandes edifícios da Arquitetura Ocidental, (...) enquanto cânones, (...) cumprem uma função importante naquelas histórias da arquitetura, escritas (...) para um público profissional”. No seu entender, “cada história escrita para arquitetos, descreve um reservatório de “arquitetura”, no qual é definido o âmbito, e os termos, dentro dos quais um leitor atual pode relacionar-se com o seu passado intelectual, profissional, artístico e técnico”<sup>20</sup>.

A análise que Ricardo Malagón Gutiérrez<sup>21</sup> irá efetuar em 2010, às histórias da arquitetura moderna, irá incidir sobre o processo, que, no seu entender, conduziu à validação política, social, cultural, e estética da mesma. A relação operativa, entre crítica e história da arquitetura, é aferida a partir da obra de Sigfried Giedion, para comprovar que se trata de uma construção historiográfica, em que o discurso e a política, irão convergir.

Em 2011, Ángel Isac Martínez de Carvajal<sup>22</sup>, irá estudar um conjunto de *Modelos historiográficos*, que, no seu ponto de vista, terão marcado a *história da arquitetura do século XX*. Na apresentação das linhas mestras, que terão caracterizado, o modo como a arquitetura desse período, foi relatada, irá salientar, os indistintos limites, entre história e crítica, e a dupla condição, de historiador e de crítico. A perspetiva que nos irá apresentar, da evolução do processo historiográfico, e da crítica arquitetónica, no século XX, irá recorrer a um conjunto de autores que, na sua análise, correspondem aos mais significativos, no contexto das cinco etapas que define: a fundadora, enquanto visão canónica do Movimento Moderno; a que, no segundo pós-guerra, enquadra o revisionismo organicista, por via de Bruno Zevi; a que, nos anos sessenta, ensaia uma

---

<sup>16</sup> LEACH, Andrew - **What is Architectural History?** Polity Press, Cambridge, 2010

<sup>17</sup> Ibidem, p. 4

<sup>18</sup> Ibidem, p. 18

<sup>19</sup> Ibidem, p. 18

<sup>20</sup> Ibidem, p. 19

<sup>21</sup> GUTIÉRREZ, Ricardo Malagón - La historiografía de la arquitectura moderna: un proyecto político - discursivo de la arquitectura. In: GUTIÉRREZ, Ricardo Malagón - **La experiencia de la arquitectura en el proyecto y el objeto**. Primera Edition. Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano. 2010. pp. 59-115

<sup>22</sup> CARVAJAL, Ángel Isac Martínez de - A história da arquitetura do século 20. Modelos historiográficos. In: IBÁÑEZ, María Pilar Biel (coord.) - **Lições dos mestres: abordagem histórico-crítica aos grandes historiadores da arquitetura espanhola**. 2011, pp. 35-58

espécie de reequilíbrio, relativamente às etapas anteriores; a que reúne as reflexões dos militantes mais críticos do pós-modernismo, e, por fim, a que decorre do colapso prematuro, ou descrédito, da perspectiva pós-moderna.

Em 2014, Marcarena de la Vega de Leon<sup>23</sup>, irá debruçar-se sobre *Historiografía da Arquitetura Moderna* de Panayotis Tournikiotis, para avaliar, até que ponto, a sua análise, não terá projetado, o caminho que a historiografia da arquitetura moderna viria a seguir no futuro. A questão que coloca, é estruturada a partir de um conjunto de reflexões, do próprio Panayotis Tournikiotis, que, alertam, repetidamente, para o facto das histórias que analisa, apresentarem a arquitetura moderna como um dos principais recursos da arquitetura do presente, ou até, do futuro. A revisitação que é efetuada à obra de Tournikiotis, recorre a um conjunto de obras, que, depois desta, voltaram a analisar, as histórias que se haviam dedicado à arquitetura moderna. A análise dessas obras, contribuiu, assim, para a avaliação do impacto do estudo de Panayotis Tournikiotis, em investigações posteriores.

A *historiografía da arquitetura contemporânea*, que Hernán Lamedo Luna<sup>24</sup> elabora, em 2017, recorre a quatro historiadores, para caracterizar um conjunto de etapas. A primeira será representada por Bruno Zevi e pela *história da arquitetura moderna*, publicada em 1950, cujas divergências, em relação ao Movimento Moderno, irão promover a arquitetura orgânica e o questionamento das sucessões cronológicas anteriores. A segunda fase está associada a Manfredo Tafuri, e à *crítica operativa*, que, em seu entender, decorre de histórias de arquitetura comprometidas com tendências de projeto. O terceiro ciclo reúne as histórias da arquitetura pós-moderna, em torno de Charles Jencks autor que menospreza a arquitetura moderna, e arquitetos tão relevantes como Mies Van der Rohe ou Walter Gropius. O quarto ciclo enquadra uma revalorização do moderno, por via dos escritos de Kenneth Frampton, autor da *História Crítica da Arquitetura Moderna*, e de um conceito de regionalismo crítico, que irá associar a arquitetura moderna aos valores locais.

A *historiografía da arquitetura moderna latino-americana*, consubstanciada, em 2017, pela dissertação de mestrado, de Ruben García Miranda<sup>25</sup>, irá cruzar a perspectiva dos autores *latino-americanos*, com os relatos, que, ao longo do século XX, surgiram pela mão de autores estrangeiros. As *histórias da arquitetura moderna, latino-americanas, e internacionais*, são abordadas em paralelo, e analisadas à luz de três parâmetros: enfoques, estrutura discursiva, e protagonistas. A análise empreendida, procura entender, por via de uma relação, entre discurso histórico, e prática arquitetónica, o lugar que a *arquitetura moderna latino-americana* ocupou, na história oficial da arquitetura moderna.

Em 2018 o contributo para a historiografia da arquitetura moderna, da tese de doutoramento de Daniela Arias Laurino<sup>26</sup>, nasce da perceção de uma carência de

---

<sup>23</sup> DE LA VEGA DE LEON, Marcarena - **The Historiography of Modern Architecture: Twenty-five Years Later**. Athens: [s.n.]. ATINER'S Conference Paper Series, 2014.

<sup>24</sup> LUNA, Hernán Lamedo - **Cuatro historiadores, cuatro aproximaciones a la historia de la arquitectura contemporánea: Zevi, Tafuri, Jencks y Frampton**. Caracas: Trienal de Investigacion FAU 2017, História y patrimonio, 2017.

<sup>25</sup> MIRANDA, Ruben García - **Historiografía de la Arquitectura Moderna. El caso latino-americano**. Uruguai: Dissertação de Mestrado em Arquitectura, presentada a Faculdade de Arquitectura de la Universidad URT Uruguay, Faculdade de Arquitectura. 2017

<sup>26</sup> LAURINO, Daniela Arias - **La construcción del relato arquitectónico y las arquitectas de la modernidade. un análisis feminista de la historiografía**. Barcelona: Universitat Politècnica de

referências femininas, no imaginário coletivo da modernidade internacional. A sua intuição será validada através de uma pesquisa que irá revelar os mecanismos historiográficos que omitiram as contribuições das mulheres arquitetas, nas décadas de 20, 30 e 40, do século XX. No seu entender, terão sido esses mecanismos que acabaram por consolidar uma espécie de crença, de que as mulheres arquitetas, não fizeram parte da modernidade, ou que as suas contribuições, não foram suficientemente notáveis para serem publicadas.

Em 2020, Ruth Zein<sup>27</sup> irá propor uma abordagem metodológica, cujo intuito, é revelar a existência de um cânone, nas histórias da arquitetura moderna brasileira. Para alcançar esse objetivo, irá considerar, de um modo quantitativo e qualitativo, as obras que as histórias consagradas mencionam, no período considerado pelas mesmas. A reflexão crítica que a autora nos propõe, em torno da estrutura metodológica do cânone, auxilia-nos na compreensão dos mecanismos, que concedem um *status canónico* a edifícios, a fatos, e a autores. A abordagem metodológica que adota, além de constituir um ponto de partida, para a confirmação da existência de um cânone, nas histórias da arquitetura moderna brasileira, procura estimular uma mudança, no campo da investigação em arquitetura, que contemple os vazios que esse cânone, indiretamente define. Um ano depois de publicar *o vazio significativo do cânon*, Ruth Zein<sup>28</sup> irá coordenar uma antologia, que reúne um conjunto de *Revisões historiográficas*, efetuadas às histórias da arquitetura moderna brasileira. Os métodos quantitativos, que conduziram as investigações, que figuram nesta compilação, ao contribuírem para o surgimento de diferentes modos de abordar, a *revisão historiográfica*, abrem caminho, para novas linhas de investigação, em arquitetura, e em história da arquitetura. A publicação organizada por Ruth Zein, irá chamar à atenção, para o simbiótico processo em que funcionava a produção arquitetónica, e a avaliação histórica, no Brasil do século XX. Os contributos que figuram nesta antologia, irão focar-se, maioritariamente, na hipótese do cânone dos edifícios modernos brasileiros, terem seguido, um padrão que os historiadores moldaram, a partir da evolução do Movimento Moderno, em contexto Europeu e Norte-americano. As revisões historiográficas que constam nesta publicação, revelam-nos, ironicamente, que o Movimento Moderno, em cisão supostamente inovadora com o passado, acabou por se tornar numa referência, ou numa tradição, que os próprios historiadores legaram para a arquitetura do presente.

Em contexto nacional seleccionámos duas obras, cuja importância, decorre, da *abordagem crítica*, que conduziu a análise efetuada às histórias da arquitetura portuguesa do século XX. A revisão que Maria Helena Maia e Alexandra Cardoso<sup>29</sup> efetuam, em 2012, à *historiografia do Movimento Moderno em Portugal*, é um dos exemplos dessa *abordagem crítica*. A revisão historiográfica que empreenderam, decorreu da carência de informação que encontraram, quando deram início, em 2010, ao levantamento sistemático da informação disponível sobre o Inquérito à *Arquitectura*

---

Catalunya, Tesi doctoral, UPC, Departament de Teoria i Història de l'Arquitectura i Tècniques de Comunicació, 2018.

<sup>27</sup> ZEIN, Ruth Verde - O vazio significativo do cânon. **V!RUS**, São Carlos, n.º 20, 2020.

<sup>28</sup> ZEIN, Ruth Verde – **Revisões historiográficas: Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021

<sup>29</sup> MAIA, Maria Helena; CARDOSO, Alexandra – O Inquérito à Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal. In: **Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em homenagem a José-Augusto França** - Sessões Simultâneas (2ª edição revista e aumentada). Lisboa: APHA. 2015, p. 535-546

*Popular em Portugal*. A análise que efetuaram às narrativas históricas que se debruçam sobre o tema, revela-nos um *Inquérito* que, na realidade, foi muito pouco estudado. O seu conhecimento reduziu-se a poucas leituras, sucessivamente repetidas e apropriadas, e sem evolução.

A contribuição de Maria Margarida Ucha<sup>30</sup>, *para uma historiografia da arquitetura portuguesa*, decorre de uma postura crítica, que irá guiar, em permanência, uma investigação que partiu das narrativas históricas de José Manuel Fernandes, e de Pedro Vieira de Almeida, para aprofundar os conceitos, *Português Suave*, e *Arquitetura Doce*. Os conceitos, que estes autores, desenvolveram em separado, são analisados, enquanto leituras historiográficas distintas, no contexto da produção arquitetónica portuguesa do segundo quartel do século XX.

O interesse, que a investigação em arquitetura, tem revelado pelas revisões historiográficas, tanto em contexto internacional, como em Portugal, tem surgido pela mão de abordagens críticas, que, além de introduzirem novos enfoques, passaram a incorporar processos, que operacionalizam, uma desconstrução das estruturas historiográficas firmadas. A abordagem crítica que adoptámos nesta revisão, contribuiu com um descerramento do olhar, que nos aproximou de valores existenciais da arquitetura, e da sua praxis. A alteração de posicionamento do olhar, traduziu-se numa ação de descontaminação, cujo sentido pragmático, acabou por nos afastar de valores de carácter abstrato e teórico.

### Uma matriz de análise disciplinar: a tríade vitruviana

A intenção de submeter a arquitetura portuguesa do século XX, a uma análise, que a aproximasse das estruturas arquiteturais da disciplina, conduziu-nos a um conjunto de parâmetros, que nos chegaram por via da sua própria tradição.

Uma “reflexão dirigida exclusivamente a problemas arquitetónicos”, é algo que, no entender de Marina Waisman, remonta ao tempo em “que se começou a escrever sobre arquitetura, fundamentalmente, desde Vitruvius”<sup>31</sup>. Os parâmetros da tríade vitruviana, constituem, na perspetiva de Marina Waisman, “aspectos concretos da produção arquitetónica”<sup>32</sup>. Na análise de Ruben García Miranda, *Firmitas, Utilitas e Venustas*, enquanto parâmetros que integram uma primeira categoria de análise, “são intrínsecos e inseparáveis da obra arquitetónica”<sup>33</sup>. Os três parâmetros que utilizamos nesta revisão, são, na perspetiva de Marina Waisman, “os mais antigos dentro do estudo histórico e teórico da disciplina”<sup>34</sup>. A importância destes valores da tradição, no contexto de uma análise crítica à historiografia da arquitetura portuguesa do século XX, está no facto dos “três aspectos que Vitruvius proclamou, como igualmente importantes, não serem

---

<sup>30</sup> UCHA, Maria Margarida Perdigo Festas Mariño - “Português Suave” e “Arquitetura Doce”: **contributos para uma historiografia da arquitetura portuguesa**. Lisboa: ISCTE, 2015. Dissertação de mestrado

<sup>31</sup> WAISMAN, Marina – **O interior da história: historiografia arquitetónica para o uso de latino americanos**. São Paulo: Perspetiva, 2013, p. 22

<sup>32</sup> WAISMAN, Marina – **La estructura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985. p. 61

<sup>33</sup> MIRANDA, Ruben García - **Historiografía de la Arquitectura Moderna. El caso latino-americano**. Uruguai: Faculdade de Arquitectura de la Universidad URT Uruguay, 2017. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. p. 16.

<sup>34</sup> WAISMAN, Marina – **La estructura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985. p. 61

considerados de um modo equilibrado em todas as histórias da arquitetura moderna; em alguns casos a balança pende a favor de um ou de outro, enquanto em alguns nem são considerados como parâmetros de estudo da obra”<sup>35</sup>. O desequilíbrio a que Ruben García Miranda se referiu, resulta do facto de, nas “últimas duas décadas do século XIX e início do século XX, na Europa de língua alemã, ter ocorrido uma grande transformação nos métodos da história da arte que inclinou a balança para a consideração de aspetos formais, colocando a perceção em destaque no contexto da interpretação”<sup>36</sup>. Nesse sentido, Marcarena De la Vega de Leon, recorda que os primeiros historiadores da arquitetura moderna, enquanto historiadores da arte, “focaram a sua atenção na aparência, na perceção visual, na estética”. A reintegração, deliberadamente assumida, dos valores da tríade vitruviana, no início do século XX, por parte daqueles, cuja tarefa, foi definir a “natureza especial da arquitetura moderna”, acaba por se tornar, de algum modo, “a desculpa perfeita” para a menor importância que, efetivamente, “os historiadores deram à função e à construção”<sup>37</sup>.

Na perspetiva de Marina Waisman, os “valores inamovíveis da arquitetura” que a tríade vitruviana representou, ao longo de anos, foram, inclusivamente, “desconhecidos ou negados, explicitamente, em diversos momentos da história”. A rejeição a que Marina Waisman se refere, terá tido particular incidência no século XX<sup>38</sup>.

A relevância dos aspetos construtivos, na estruturação de uma das últimas histórias da arquitetura do século XIX, escrita por Auguste Choisy, contrasta com desinteresse que as narrativas subsequentes começaram a revelar por esta componente.

A importância do *sistema construtivo*, na análise historiográfica da arquitetura, decorre de um *caráter existencial*, no tempo e no espaço, que lhe garante uma profunda ligação à tradição. A possibilidade dessa *componente existencial*, ter sido desconsiderada, pela historiografia em análise, poderá resultar de um pendor anti-histórico, que ainda persiste, na estrutura discursiva de alguns textos que abordam a arquitetura moderna.

Assim sendo, e partindo da necessidade de recuperar o equilíbrio que a tradição pode introduzir numa análise que se deixou contaminar, em certa medida, pelos valores da estética, elegeu-se o enfoque que, no seio dos valores da tríade vitruviana, poderia introduzir objetividade e pragmatismo à análise dos objetos arquitetónicos. O sistema construtivo permite combater a perda de proximidade na arquitetura, e equilibra a primazia despertada pela imagem. No entendimento de Kenneth Frampton, o seu valor tectónico, em equilíbrio ético com os restantes componentes da arquitetura, trará, sem

---

<sup>35</sup> MIRANDA, Ruben García - **Historiografía de la Arquitectura Moderna. El caso latino-americano**. Uruguai: Faculdade de Arquitetura de la Universidad URT Uruguay, 2017. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. p. 17.

<sup>36</sup> Ibidem. p. 17.

<sup>37</sup> LEON, Marcarena de la Vega de - **The Historiography of Modern Architecture: Twenty-five Years Later**. Athens: [s.n.]. ATINER'S Conference Paper Series, 2014. p. 5.

<sup>38</sup> “Ao longo de muitos anos a tríade vitruviana – *firmitas utilitas e venustas* – pareceu representar valores inamovíveis da arquitetura. No entanto, todos eles foram desconhecidos ou negados explicitamente em diversos momentos da história. No século XX, em particular, foi negado o valor da beleza – na “linha dura” do movimento moderno, no brutalismo, na década de 1960; também no século anterior, estimulou-se a “feiura” na arquitetura, como signo do ascetismo. O conceito de solidez estrutural (*firmitas*), que implicava permanência no tempo e no espaço, foi menosprezado na década de 1960, quando a mudança e flexibilidade erigiram-se como valores fundamentais. O valor da funcionalidade (*utilitas*) foi explicitamente recusado por várias correntes na década de 1970 – a *tendenza*, o pós-modernismo, o neoclassicismo”. In: WAISMAN, Marina – **O interior da história: historiografia arquitetónica para o uso de latino americanos**. São Paulo: Perspetiva, 2013. p. 41-42

dogmatismo, “o arquiteto de volta à poética da construção”<sup>39</sup>. Desse modo poderá transcender a mera aparência técnica, ou cenográfica, que se observa, por vezes, em algumas propostas que têm surgido nos territórios da contemporaneidade.

A reflexão que propomos, recorre a uma das lições de Marina Waisman, e parte, assim, das circunstâncias do presente, “para compreender e aproveitar em toda a sua riqueza as lições do passado, sem cair em estereis repetições”<sup>40</sup>.

### **Crítérios de seleção das obras de referência e metodologia de análise**

No contexto deste ensaio, a revisão historiográfica posta em prática por Ruth Zein, foi conceptualmente inspiradora. Na abordagem crítica que adotou, o modo como definiu os critérios de seleção da amostra, e o tipo de metodologia, contribuíram para a estruturação da abordagem que utilizámos.

O foco da revisão que levámos a cabo, não incidiu, porém, sobre edifícios, ou sobre arquitetos, que tenham participado, enquanto protagonistas fundamentais, na formação das “estruturas canónicas” das obras de referência. A nossa abordagem incide sobre o modo como a historiografia analisou as características que decorrem das estruturas essenciais da arquitetura. Os parâmetros que orientaram a escolha das obras a rever, e a metodologia de análise, apesar de decorrem do “momento subjetivo”, que, naturalmente, conduz este tipo de tarefa, não se traduziu numa seleção “arbitrária ou caprichosa”. O estudo decorreu, assim, do que Marina Waisman designa, por “uma visão particular da realidade histórica, enraizada na própria realidade”<sup>41</sup>.

A amostra que submetemos à análise, reúne nove monografias, três contribuições em monografias, um catálogo de exposição, e um artigo de uma publicação em série, que facilmente podemos encontrar em bibliotecas públicas, ou nas bibliotecas das universidades portuguesas. A seleção procurou incluir, com o equilíbrio possível, narrativas abrangentes<sup>42</sup> (no tempo e no espaço), centradas na análise de obras, ensaios de carácter conceptual e teórico<sup>43</sup>, focados na relação entre modernidade e tradição, e

---

<sup>39</sup> FRAMPTON, Kenneth - Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In FOSTER, Hal - **The Anti-Aesthetic: Essays of Post-modern Culture**. Port Toesend (Washington): Bay Press, 1983. p. 27.

<sup>40</sup> WAISMAN, Marina – **O interior da história: historiografia arquitetónica para o uso de latino americanos**. São Paulo: Perspetiva, 2013. p. 41.

<sup>41</sup> WAISMAN, Marina – **O interior da história: historiografia arquitetónica para o uso de latino americanos**. São Paulo: Perspetiva, 2013. p. 48.

<sup>42</sup>

FRANÇA, José-Augusto - **A Arte em Portugal no século XX – 1911-1961**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

PORTAS, Nuno - A evolução da arquitetura moderna em Portugal: uma interpretação. In BRUNO, Zevi - **História da Arquitectura Moderna**. Lisboa: Arcádia, 1973. p. 687-746.

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel - A Arquitetura Moderna. In AAVV – **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. Volume 14.

FERNANDEZ, Sérgio - **Percursos: Arquitectura portuguesa 1930-1974** (prefácio de Alexandre Alves Costa), Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1985.

BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa: Prestel. 1997.

<sup>43</sup>

FERNANDES, José Manuel – **A Arquitectura**. In AAVV - Sínteses da Cultura Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Comissariado para a Europália 91, 1991.

análises que se dedicaram a períodos<sup>44</sup> particularmente marcantes, no percurso da arquitetura portuguesa do século XX. A constituição de uma amostra suficientemente representativa, implicou a congregação de um conjunto de narrativas, que, nos últimos cinquenta anos, contribuíram para a definição da especificidade cultural da arquitetura portuguesa do século XX, e, também, para a formação da *estrutura canónica da sua historiografia*.

A abordagem qualitativa que esteve na base desta pesquisa, poderá, no entanto, afastar-se, da imparcialidade e objetividade, que se exige a um trabalho desta natureza. Contudo, uma exigência dessa ordem, decorre, no entender de Marina Waisman, de “uma interpretação simplista da tarefa histórico-crítica”<sup>45</sup>. O receio de ocorrer “uma interpretação arbitrária ou tendenciosa”<sup>46</sup>, é algo que, na sua perspetiva, não se deverá colocar, uma vez que, para a cultura arquitetónica portuguesa, existe uma pauta de valores própria. Por outro lado, o facto de não existir “uma escala universal de valores”<sup>47</sup>, implica, no entender Marina Waisman, a aceitação de um “certo grau de relativismo, ou subjetividade”<sup>48</sup>. A objetividade absoluta obrigaría, na análise de Marina Waisman, “a existência de uma verdade única, de um único ponto de vista, o que, por sua vez, exigiria de um observador, não pertencer a este mundo”<sup>49</sup>.

A demonstração qualitativa e quantitativa, de uma tendência, que possa estar presente, no processo evolutivo, da historiografia da arquitetura portuguesa do século XX, apesar de ter por base, uma análise textual, não terá necessariamente de resultar, numa interpretação equívoca. As limitações que a abordagem deste tipo poderá encerrar em si mesma, poderão cair por terra, “quando os resultados que organiza, permitem que deles sejam extraídos conhecimentos ou afirmações ainda não conhecidas, ou ainda não sistematizadas”<sup>50</sup>. No entender de Ruth Zein, “o que realmente importa é o que dele se extrai e se divulga, para a apreciação dos demais”<sup>51</sup>. A operacionalização de uma

---

PINTO, Jorge Cruz - **Arquitetura Portuguesa: a Imagem de Caixa**. Lisboa: ACD Editores, 2009. Volume III.

RAMOS, Rui - **Modernidade Inquieta. Arquitectura e identidades em construção: desdobramento de um debate em português**. 1.ª Edição. Porto: Afrontamento, 2015.

TOUSSAINT, Michel - **Da arquitetura à teoria: teoria da arquitetura na primeira metade do século XX**. Lisboa: Caleidoscópio, 2012.

<sup>44</sup>

BANDEIRINHA, José António - **Quinas vivas - Memória Descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40**. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1996.

FERNANDES, José Manuel - **Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo**. 1.ª Edição. Lisboa: IPPAR, 2003.

GOMES, Paulo Varela - **Arquitetura, os últimos vinte cinco anos – Arquitetura Portuguesa do Século XX**. In PEREIRA, Paulo, **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Temas e Debates, 1995. Vol. 3, p. 547-591

PEREIRA, Nuno Teotónio, FERNANDES, José Manuel - **A arquitectura do fascismo em Portugal. Arquitectura**. Lisboa: 4ª Série, N.º 142 (jul. 1981), p. 38-49.

<sup>45</sup> WAISMAN, Marina – **O interior da história: historiografia arquitetónica para o uso de latino americanos**. São Paulo: Perspetiva, 2013. p. 47.

<sup>46</sup> Ibidem. p. 47

<sup>47</sup> Ibidem. p. 47

<sup>48</sup> Ibidem. p. 47

<sup>49</sup> WAISMAN, Marina – **O interior da história: historiografia arquitetónica para o uso de latino americanos**. São Paulo: Perspetiva, 2013.. p. 47

<sup>50</sup> ZEIN, Ruth Verde – **Revisões historiográficas: Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021. p. 24

<sup>51</sup> Ibidem. p. 24

metodologia, simultaneamente qualitativa e quantitativa, teve em consideração, a maior, ou menor importância, que os historiadores e arquitetos deram, a cada um dos parâmetros da tríade vitruviana, enquanto enfoques historiográficos. A avaliação qualitativa de cada uma das narrativas, deu origem a um valor percentual, que procura demonstrar, quantitativamente, o peso que cada um dos parâmetros teve na análise historiográfica.

## Os autores e as histórias da arquitetura portuguesa do século XX

O entendimento da evolução da historiografia, que procurámos levar a cabo, restringiu-se a um conjunto de obras e autores “canónicos”, com o risco, consciente, de excluir outros contributos, igualmente importantes. No conjunto das exclusões, irão constar, três livros onde Ana Tostões<sup>52</sup> irá expor a investigação que tem dedicado à Arquitetura Moderna Portuguesa, uma publicação que se debruça sobre a produção portuguesa, entre os anos sessenta e os anos oitenta, da autoria de Nuno Portas e Manuel Mendes<sup>53</sup>, uma narrativa onde José Manuel Fernandes<sup>54</sup> irá refletir, por via dos arquitetos do século XX, sobre o percurso, entre a tradição e a modernidade, e ainda, uma coletânea de ensaios, que Fátima Fernandes<sup>55</sup> e Michele Canatà, organizaram, em torno da arquitetura portuguesa, produzida entre 1991 e 2001.

O universo de obras, sobre o qual incidiu a nossa análise, revelou, em muitos dos casos, a preponderância de uma visão ideológica, que marcou, profundamente, os últimos vinte e cinco anos do século XX português. O conjunto selecionado, pôs em evidência, ainda, uma análise historiográfica, mais recente, cuja especificidade dos enfoques, decorre de leituras efetuadas por arquitetos. No contexto das obras que analisámos, a contribuição dos historiadores irá resumir-se à de José-Augusto França e à de Paulo Varela Gomes. No que diz respeito aos enfoques historiográficos, podemos destacar os que penderam para a análise crítica, os que se dedicaram a aspetos da teoria, e ainda, os que se debruçaram sobre “pistas”, para fundamentar a existência de uma identidade, enquanto estrutura primordial de uma cultura arquitetónica. Na primeira metade dos anos setenta, antes da revolução de 25 de abril de 1974, Nuno Portas, surge-nos enquanto defensor da tradição moderna, e José-Augusto França, historiador da arte, irá focar-se nos aspetos de uma expressão arquitetónica vinculada à cultura portuguesa. No início dos anos oitenta, no rescaldo da revolução, Nuno Teotónio Pereira, em coautoria com José Manuel Fernandes, publica um artigo, cuja análise da arquitetura do Estado Novo, deixa transparecer um confronto pessoal com o regime. Na segunda metade dessa década, Sérgio Fernández, publica uma pesquisa que é pautada por valores ideológicos,

---

<sup>52</sup> TOSTÕES, Ana; COSTA, Sandra Vaz - **Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920-1970**. 1.ª Edição. Lisboa: IPPAR, 2004

TOSTÕES, Ana - **Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900**. 1.ª Edição Vila Nova de Gaia: Fubu Editores, 2009

TOSTÕES, Ana - **A Idade Maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa**. 1.ª Edição. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015

<sup>53</sup> PORTAS, Nuno; MENDES, Manuel - **Arquitectura Portuguesa Contemporânea: Anos Sessenta, anos Oitenta**. Porto: Fundação de Serralves, 1991

<sup>54</sup> FERNANDES, José Manuel - **Arquitectos do século XX: Da tradição à modernidade**. 1.ª Edição. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006

<sup>55</sup> FERNANDES, Fátima; CANATÀ, Michele - **Arquitectura Portuguesa Contemporânea, 1991-2001**. Porto: Edições ASA, 2001

associados à modernidade, e Pedro Vieira de Almeida, em parceria com José Manuel Fernandes (1953-), desenvolve uma análise crítica que se fundamenta em valores estruturais da tradição arquitetónica. No início dos anos noventa, José Manuel Fernandes, irá apresentar um ensaio que procura definir um quadro síntese de uma “cultura construída de raiz portuguesa”. Na análise panorâmica que efetua, em tempo longo, procura verificar as “constantes e características da arquitetura portuguesa”, por via do seu “carácter aberto” e aptidão construtiva. Na segunda metade dos anos noventa, Paulo Varela Gomes, irá produzir um “ensaio crítico” sobre a arquitetura portuguesa dos últimos vinte cinco anos do século XX, José António Bandeirinha, irá apresentar uma investigação que contribui para o entendimento do diálogo entre modernidade e identidade, e Ana Tostões, irá coordenar uma análise pautada pelos valores disciplinares da arquitetura. No arranque do novo século, José Manuel Fernandes, irá analisar, numa perspetiva não ideológica, a arquitetura produzida no período do Estado Novo. No final da primeira década do século XXI, Jorge Cruz Pinto, irá procurar encontrar invariantes de resistência e de transformação, na evolução dos modelos arquitetónicos da arquitetura portuguesa, e Michel Toussaint, irá seguir o movimento de consolidação disciplinar que se tem desenvolvido desde o século XIX, para contrariar a ideia de uma Arquitetura, enquanto conjunto de fazeres de autores isolados. Na segunda década do século XXI, Rui Ramos, na sua releitura da modernidade, irá procurar integrar a questão da identidade, enquanto estrutura de uma cultura, que conduz a arquitetura portuguesa do século XX.

### **Historiografia canónica portuguesa (1973-2015)**

*A evolução da arquitetura moderna em Portugal: uma interpretação*, reúne uma investigação, da autoria do arquiteto Nuno Portas (1934-), que integra o segundo volume da *História da Arquitetura Moderna* de Bruno Zevi, publicada em 1973. O seu contributo, constitui uma reflexão pioneira, e uma crítica, que não se limita a uma simples descrição da evolução da arquitetura moderna em Portugal (desde meados do século XVIII até aos anos 60 do século XX). Porém, a narrativa, que inteligentemente classifica de interpretação, está imbuída do espírito revolucionário, que antecedeu a democracia instaurada em 1974. Esse espírito, é-nos revelado, de diversos modos, mas, particularmente, pelas inúmeras referências a Raul Lino (cerca de dez), arquiteto que o autor associa, a um certo conservadorismo reacionário, e ao regime ainda vigente, em 1973. Esta obra, que, em larga medida, faz a apologia dos valores da tradição moderna, descarta a possibilidade de ocorrerem ligações ou continuidades com o século XIX. A obra de Nuno Portas, recorre à expressão arquitetónica, à função, e ao sistema construtivo, enquanto parâmetros de análise historiográfica. No entanto, são aplicados, sem um critério constante, a uma obra, ou a um autor.

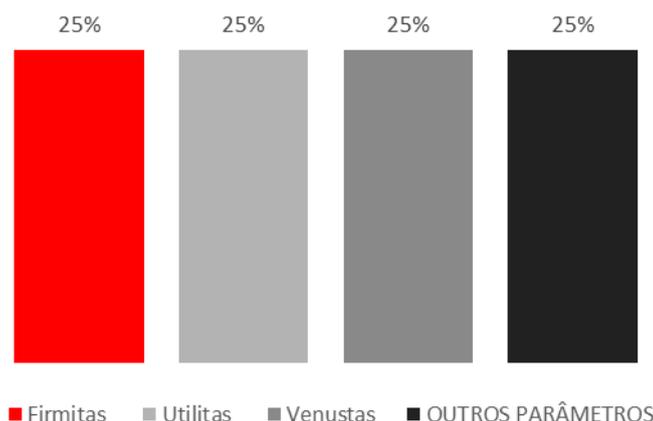


Gráfico 1 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de Nuno Portas (1973)  
- Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

*A arte em Portugal no século XX – 1911-1961*, que o historiador e crítico José-Augusto França (1922-2021) nos propõe, já não defende uma perspetiva cronológica, mas uma convergência de leituras coexistentes, da arte e da história social. Nas entrelinhas da sua escrita, emerge uma arquitetura atenta à sua legitimação cultural e disciplinar, num tempo de mudança de paradigmas. Este retomar da tradição portuguesa, numa continuidade, entre erudito e popular, é parte da dinâmica, que, mais tarde, irá reequilibrar a cultura arquitetónica portuguesa. O contributo de França é determinante para um novo olhar sobre obras, arquitetos e promotores, ou seja, para um questionamento da identidade cultural portuguesa. Por outro lado, contribuiu também, para a clarificação do fim de um ciclo da arquitetura portuguesa, que, na transição para os anos 60, perdia a timidez e preparava os fundamentos da sua contemporaneidade. Nesta história da arte e da arquitetura, a função e o sistema construtivo, não são aspetos relevantes, na análise historiográfica. O seu foco passa pela expressão arquitetónica, enquanto reflexo de uma tradição arquitetónica, e de uma identidade cultural portuguesa.

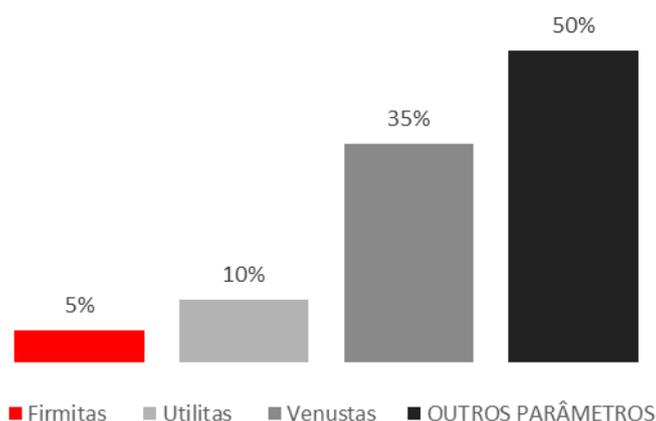


Gráfico 2 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de José-Augusto França (1974) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

O teor do artigo que Nuno Teotónio Pereira (1922-2016) elabora, sobre *A arquitectura do fascismo em Portugal*, em coautoria com José Manuel Fernandes (1953-), dispõe, à semelhança do que o “companheiro” Nuno Portas escreveu, de um pendor ideológico. O cariz político da narrativa, é imediatamente revelado no título, pela referência a uma

“arquitetura do fascismo”. A arquitetura que nos é descrita, apoia-se numa série de modelos formais específicos, cujo processo de formação, consolidação e aplicação, ocorre entre as décadas de 30 e 60. A sua evolução, demonstrada graficamente, está intimamente ligada ao regime. Este artigo refere, enquanto característica fundamental desta arquitetura, o espírito retrógrado em que a pesquisa formal se fundamenta, num raciocínio historicista estático, que olha para o passado, numa perspetiva acrítica e não renovadora. O tipo de análise que nos apresenta, restringe-se aos aspetos de uma expressão formal, vinculada à ideologia fascista. Nesse sentido, o ensaio recorre à expressão arquitetónica, enquanto principal parâmetro de análise historiográfica. Os aspetos funcionais e construtivos estão praticamente ausentes.

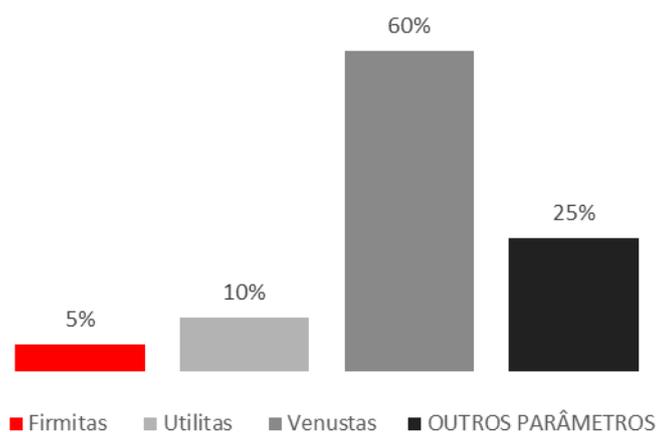


Gráfico 3 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de Nuno Teotónio Pereira (1981) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

A investigação que Sérgio Fernández (1937-) dedica à arquitetura portuguesa, é publicada em 1985, com o título *Percurso: Arquitectura Portuguesa, 1930/1974*. No início da narrativa que constrói, as escassas referências que efetua à arquitetura do início do século XX, responsabilizam, num juízo de pendor ideológico, a perlongada e negativa influência que a herança de Raúl Lino viria a ter, na arquitetura portuguesa. O período que inicia com a 2.<sup>a</sup> guerra mundial, é marcado, no seu entender, pela crescente importância do papel da arquitetura, na clarificação dos valores estéticos que melhor se identificam com o poder. Nesse sentido, salienta que “o abandono da linguagem moderna, corresponderá à identificação de alguns, com a ideologia dominante”. O relato que nos apresenta sobre o primeiro congresso nacional de arquitetura, está carregado de alusões ideológicas, e refere, inclusivamente, as opções políticas, de alguns arquitetos que participaram no mesmo. No capítulo que encerra com o eclodir do 25 de abril de 1974, divide, numa clara clivagem ideológica, os arquitetos portugueses, em dois grupos: os que correspondiam às encomendas das grandes organizações, e os profissionais ligados a uma atuação individual, independente, e que usufruíam de reduzidos meios de apoio. A matriz ideológica que constrói, e encerra este manifesto, orienta um “percurso” pela arquitetura portuguesa, que busca por valores da modernidade, na expressão arquitetónica. Os restantes parâmetros da análise disciplinar, não desempenham um papel importante.

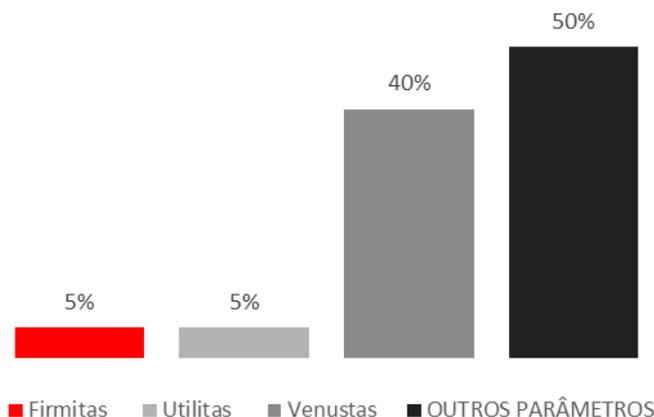


Gráfico 4 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de Sérgio Fernández (1985) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

A *História da Arte em Portugal* que foi publicada um ano depois de Portugal entrar na CEE, e treze anos depois da “interpretação” de Nuno Portas, integra, no volume *A Arquitetura Moderna*, o contributo que Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) e José Manuel Fernandes (1953-) dedicam à temática. A história que estes dois arquitetos nos propõem, pretende ser um contributo para uma “história arquitetónica da arquitetura”, uma história que se identifica com a crítica, e na qual, os fatos são, “apenas (...) indícios, (...) forças latentes”. Na perspetiva dos autores, a eficácia do trabalho “está (...) na sua capacidade de gerar polémica”. Essa “polémica está naturalmente implícita no período (...) estudado e no seu historiar”. As suas interpretações sobre a arquitetura portuguesa do século XX, permitem-nos, ainda hoje, desenvolver novas ligações, entre o nosso passado e a contemporaneidade. Nesta obra, a função e o sistema construtivo, enquanto parâmetros de análise historiográfica, não estão ausentes. No entanto, surgem diluídos no contexto de uma narrativa histórica, que se funde com a crítica. A expressão arquitetónica, é analisada a partir de ligações, intrínsecas, com a tradição, enquanto processo de transmissão cultural.

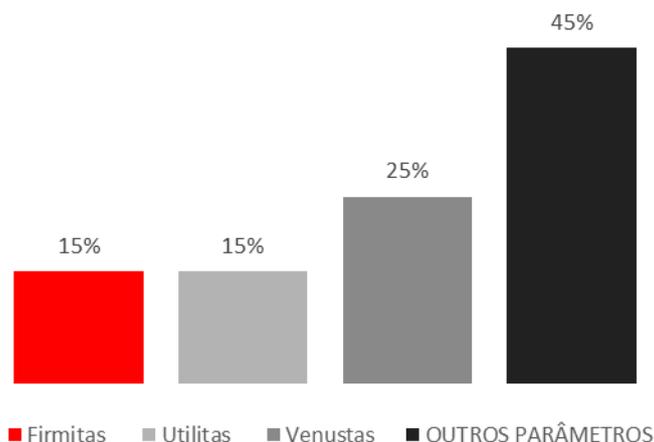


Gráfico 5 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes (1986) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

A compilação *Sínteses da Cultura Portuguesa*, que o comissariado para a Europália 91 promoveu, em 1991, inclui, *A Arquitetura*, por via de uma investigação da autoria do

arquiteto José Manuel Fernandes (1953-). A narrativa que nos apresenta procura definir um quadro síntese, de uma “cultura construída, de raiz portuguesa”, e assume, à partida, “as naturais virtualidades e limitações” de uma análise deste tipo, em tempo longo. No capítulo que dedica às “constantes e características da arquitetura portuguesa”, realça o seu “caracter aberto, e a aptidão construtiva”, enquanto parte de um sentido essencial da mesma. Este ensaio de José Manuel Fernandes, enquanto síntese da cultura arquitetónica portuguesa, resulta, em larga medida, da vontade de definir um conjunto de características e de valores permanentes, na sua longa história. Neste compêndio, as descrições que focam a expressão arquitetónica, prevalecem sobre aspetos do sistema construtivo. A funcionalidade é analisada, por via da sua relação com as diferentes tipologias em análise.

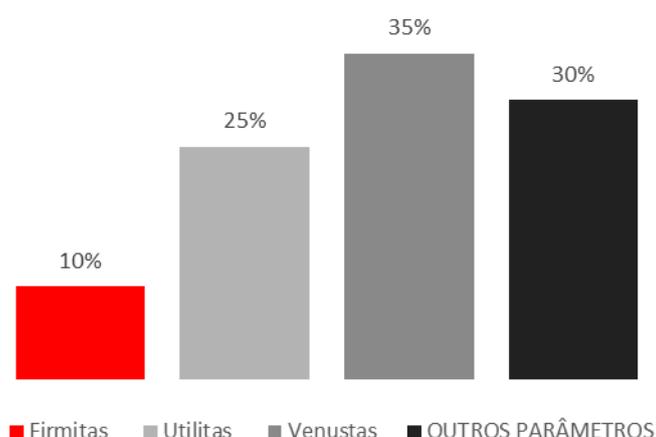


Gráfico 6 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de José Manuel Fernandes (1991) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

O texto, *Arquitetura, os últimos vinte cinco anos*, do crítico e historiador Paulo Varela Gomes (1952-2016), que integra o capítulo que a *História da Arte Portuguesa*, coordenada por Paulo Pereira, dedica à arquitetura portuguesa do século XX, corresponde, nas palavras do autor, a uma “espécie de ensaio crítico”. O período que esta obra encerra, corresponde, no entender do historiador, a uma época de transição, para um Portugal europeu, em que a “arquitetura foi palco de uma crise de pressupostos, definição profissional, métodos e linguagens”. Neste ensaio crítico, onde predominam descrições de características formais, a função e o sistema construtivo, enquanto parâmetros de análise historiográfica, estão praticamente ausentes. A expressão arquitetónica, é analisada enquanto consequência de uma linguagem de cariz formal.

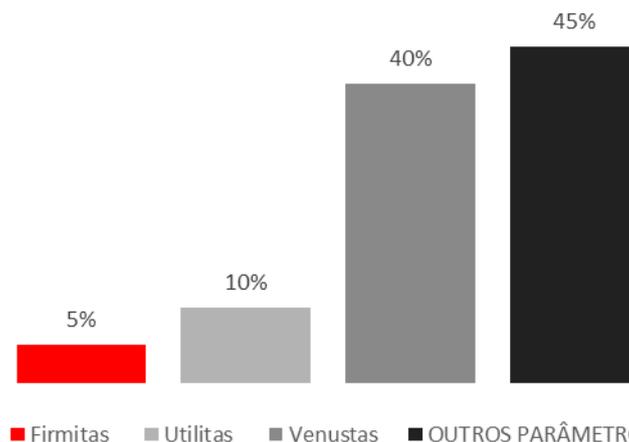


Gráfico 7 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de Paulo Varela Gomes (1995) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

A obra *Quinas Vivas. Memória Descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitetura portuguesa dos anos 40*, que José António Bandeirinha (1958-) dedica ao período entre a exposição do mundo português (1940) e o 1.º Congresso Nacional de Arquitetura (1948), tem, como pano de fundo, um diálogo entre modernidade e identidade. A sua pesquisa, não se desvincula, no entanto, de uma certa militância modernista, oposta à produção de cariz nacionalista, apoiada pelo Estado Novo. Na abordagem que coloca em paralelo, os "Centenários em Lisboa" e os "Pequenitos em Coimbra", alerta-nos para a fragilidade, da consciência ideológica e cultural, dos pioneiros do modernismo em Portugal, e para a síntese historiográfica do país, à escala das crianças, que traduzia para a realidade, toda a mitologia que o estado novo propunha como imagem. Na análise comparativa, entre as abordagens de Raul Lino, e de Fernando Távora, à questão da "casa portuguesa", irá condenar a superficialidade do primeiro, e enaltecer a modernidade ética do segundo. Nesta homenagem a Távora, irá defender o modo como o mesmo se apropria da "realidade portuguesa enquanto contributo metodológico e não como formula final". No contexto geral da análise, a expressão arquitetónica, irá desempenhar, um papel central.

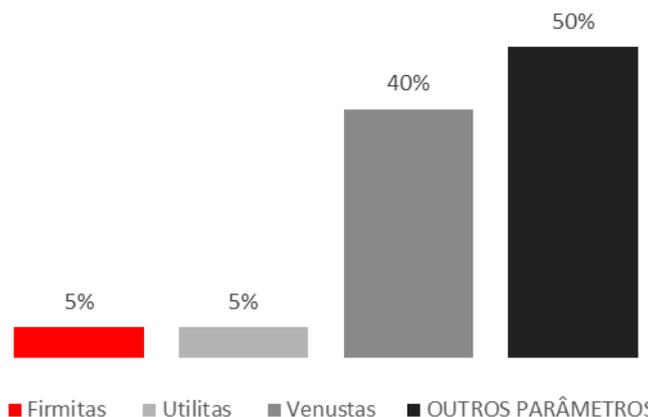


Gráfico 8 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de José António Bandeirinha (1996) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

O catálogo que acompanhou a exposição *Portugal: Arquitetura do século XX*, tinha como principal objetivo, valorizar as qualidades da sua metodologia contemporânea, no quadro da produção internacional. A introdução elaborada por Ana Tostões (1959-), começa por referir que os diversos desfasamentos, resultantes da situação periférica portuguesa, acabaram por ser determinantes, na construção de um método moderno, cuja relevância se refletiu nas obras mais significativas das últimas décadas do século XX. Esta síntese atualizada, encerra uma visão panorâmica, em que o tema central é a arquitetura portuguesa do século XX, e não a arquitetura dita moderna, produzida em Portugal. O balanço crítico, de fim de século, que esta obra procura estabelecer, tem o anseio de confirmar, numa sequência cronológica, a validade internacional, a originalidade, e a especificidade da arquitetura portuguesa contemporânea. Este catálogo oferece-nos uma visão panorâmica que reavalia a produção do século XX, e reflete o pluralismo da mesma. Esta obra de referência, recorre aos parâmetros da expressão, da funcionalidade, e do sistema construtivo, enquanto categorias da análise historiográfica. A sua aplicação surge integrada numa abordagem que se pauta pela ponderação e pelo equilíbrio.

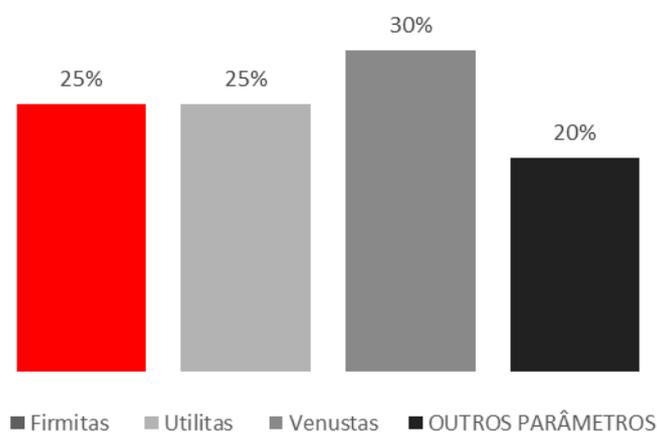


Gráfico 9 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de Ana Tostões (1997)  
- Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

A análise que o arquiteto José Manuel Fernandes (1953-) efetua às Arquiteturas do Estado Novo, já não está imbuída do espírito revolucionário que caracterizou o artigo que tinha escrito vinte e dois anos antes, em parceria com Nuno Teotónio Pereira, sobre as obras deste período. O espírito deste trabalho é outro. O mesmo é-nos revelado no próprio título, *Português Suave: Arquiteturas do Estado Novo*, que já não se refere a uma única “arquitetura do fascismo em Portugal”, mas às várias arquiteturas do estado novo. A descontaminação ideológica que é posta em prática pelo autor, irá socorrer-se de um enquadramento no século XX, da recuperação dos seus antecedentes, da explicitação do processo que lhe deu origem, e da apresentação de uma componente inventiva, que é suportada pelos principais autores, e arquétipos formais. O tipo de análise efetuada, incide sobre aspetos da sua imagem, procurando estabelecer, a génese, dos principais modelos, e tipologias. Nesta obra, José Manuel Fernandes, recorre à expressão arquitetónica, enquanto principal parâmetro de análise historiográfica. Os aspetos funcionais são analisados por via da tipologia formal que lhe está associada. Os aspetos construtivos, apesar de referidos, são quase irrelevantes.

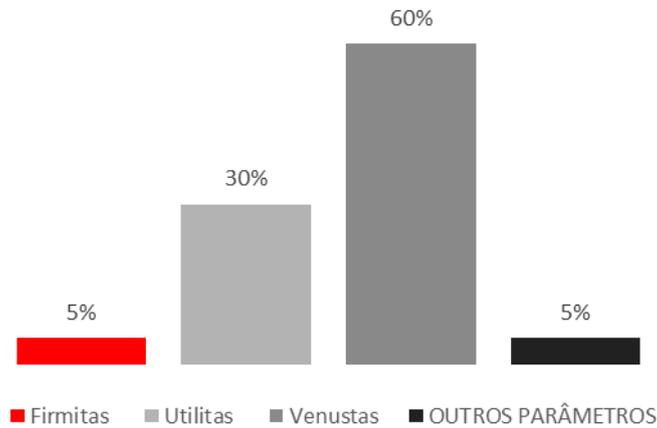


Gráfico 10 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de José Manuel Fernandes (2003) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

Na narrativa em que Jorge Cruz Pinto (1960-) examina a imagem da caixa, enquanto invariante produtivo, de resistência, e de transformação, na evolução dos modelos arquitetónicos da nossa história, identifica inúmeros elos de continuidade cultural. A análise que figura em *Arquitectura portuguesa: A imagem da “Caixa”*, procura demonstrar, que, “ao longo dos períodos”, ocorre uma lenta evolução das matrizes tipológicas, tectónicas e geométricas. O autor irá sobrepor às formas puras, esquemas geométricos canónicos, que, no seu entender, estão subjacentes à sua composição. As matrizes geométricas que utiliza, apresentam aspetos invariantes, e inscrevem-se em várias obras ao longo da história. A metáfora da caixa que nos propõe, encerra uma capacidade para se adequar aos lugares, e a construí-los, mantendo-se válida, num horizonte de evoluções que alcançam a contemporaneidade. A obra de Jorge Cruz Pinto, faz jus ao título. A sua análise historiográfica, centra-se na expressão arquitetónica. O seu interesse está, no processo subjacente à forma, e a função, é analisada através da tipologia. O sistema construtivo não é relevante.

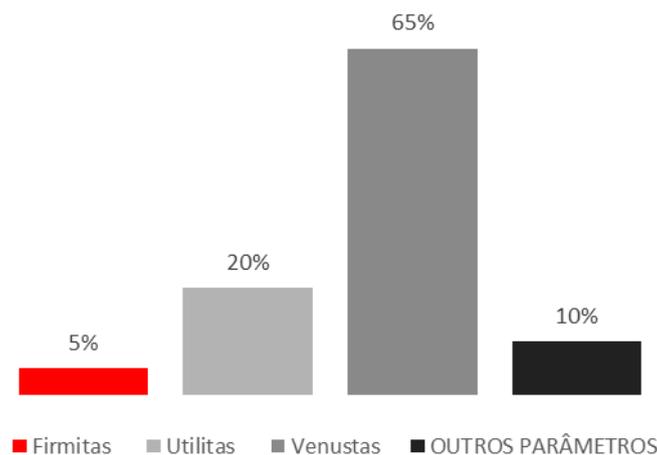


Gráfico 11 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de Jorge Cruz Pinto (2007) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

A investigação que o arquiteto Michel Toussaint (1946-) reúne em, *Da arquitetura à teoria: teoria da arquitetura na primeira metade do século XX*, enquadra o caminho que

a arquitetura portuguesa trilhou, enquanto disciplina formada por conceitos, existências construídas, práticas profissionais, e um conjunto de conhecimentos, até à consolidação de uma teoria da arquitetura. Para o reconhecimento da Disciplina da Arquitetura e da respetiva Teoria, aborda o contexto português, desde o debate da Casa Portuguesa até ao início do Movimento Moderno. Esta investigação segue o movimento de consolidação disciplinar que se tem desenvolvido, desde o século XIX, contrariando a ideia de uma Arquitetura, enquanto um conjunto de fazeres de autores isolados. Nesta obra, a dissecação de aspetos relacionados com a história e com a teoria, predomina sobre a análise das características formais, funcionais e estruturais.

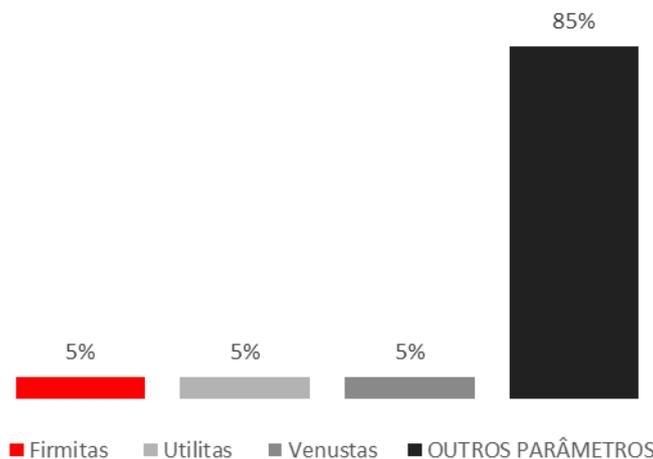


Gráfico 12 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de Michel Toussaint (2009) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

No ensaio que Rui Ramos (1961-) dedica a uma *Modernidade Inquieta - Arquitectura e identidades em construção*, a resposta a questões que se relacionam com identidade da arquitetura portuguesa do século XX, parte de uma particular atenção, à posição do olhar, sobre o que define como “inícios”, “circunstâncias”, e “passos quotidianamente dados”. A sua releitura da modernidade, é efetuada numa perspetiva integradora, que pretende colocar a hipótese de uma espécie de roteiro, para uma interpretação alargada, do século XX português. Nas hipóteses que nos apresenta para a formação de um outro olhar sobre a arquitetura portuguesa, está subjacente o confronto entre "velho" e "novo", enquanto possibilidade de uma construção identitária. Neste ensaio, o autor chama à atenção para o facto da questão identitária se renovar, sucessivamente, ao longo do século XX, em contextos diferentes, e por vezes antagónicos, partilhando, no entanto, uma mesma necessidade de voltar a olhar para os aspetos locais. Nesta reflexão de Rui Ramos, a intenção de revelar aspetos da problemática da identidade, em arquitetura, predomina sobre a descrição de aspetos relacionados com a expressão, e com o sistema construtivo. A funcionalidade é analisada por via da sua relação com a tipologia habitacional.

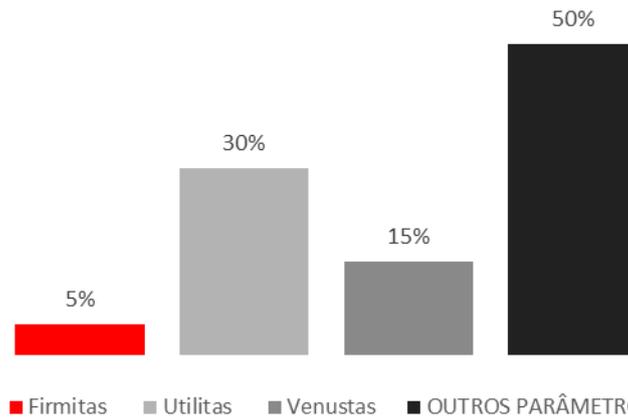


Gráfico 13 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na obra de Rui Ramos (2015)  
- Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

### Tendências da análise das histórias canônicas da arquitetura portuguesa do século XX (1973-2015)

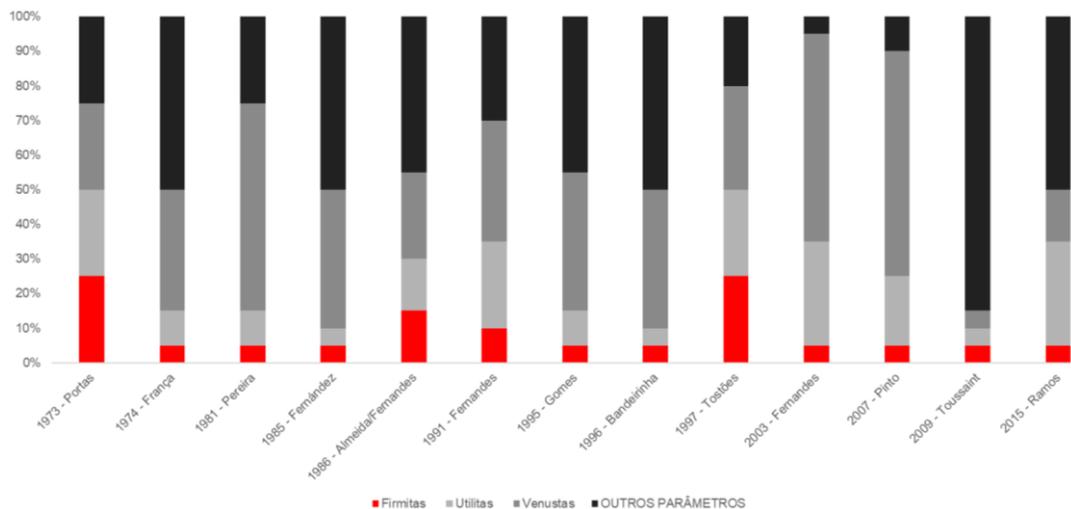


Gráfico 14 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise das histórias canônicas da arquitetura portuguesa do século XX (1973-2015) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

As conclusões que resultam da aplicação dos parâmetros, foram as seguintes:

- O parâmetro *Firmitas* teve sempre pouca relevância. A aproximação aos restantes parâmetros, verificou-se nas obras de Nuno Portas (1973), de Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes (1986), de José Manuel Fernandes (1991), e Ana Tostões (1997).
- O parâmetro *Utilitas* também não teve relevância na análise. A exceção surgiu apenas na obra mais recente de José Manuel Fernandes. O equilíbrio ocorreu, à semelhança do parâmetro *Firmitas*, nas obras de Nuno Portas (1973), de Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes (1986), de José Manuel Fernandes (1991), e Ana Tostões (1997).

- O parâmetro *Venustas* dominou a maior parte das análises historiográficas. No entanto, foi praticamente desconsiderado por Michel Toussaint, e teve pouco peso na análise de Rui Ramos.

### O parâmetro dominante

No âmbito das treze obras da historiografia canónica portuguesa, que foram analisadas, o parâmetro *Venustas*, foi o dominante. O parâmetro *Firmitas* foi o menos relevante no âmbito da análise disciplinar empreendida. Contudo, verificou-se a existência de “outros parâmetros”, fora da matriz de análise, que, no seu conjunto, demonstraram, uma importância significativa na análise historiográfica. Desse grupo, destacam-se fatores, que contribuíram para acentuar a vertente crítica da análise, aspetos ideológicos, associados a uma modernidade mais ortodoxa, e ainda, interrogações, que se debruçam sobre indícios, presentes em valores culturais, que procuram fundamentar, a existência de uma identidade. Estes “outros parâmetros” que complementam a análise historiográfica, começaram a surgir, com maior intensidade, na década de noventa do século XX.

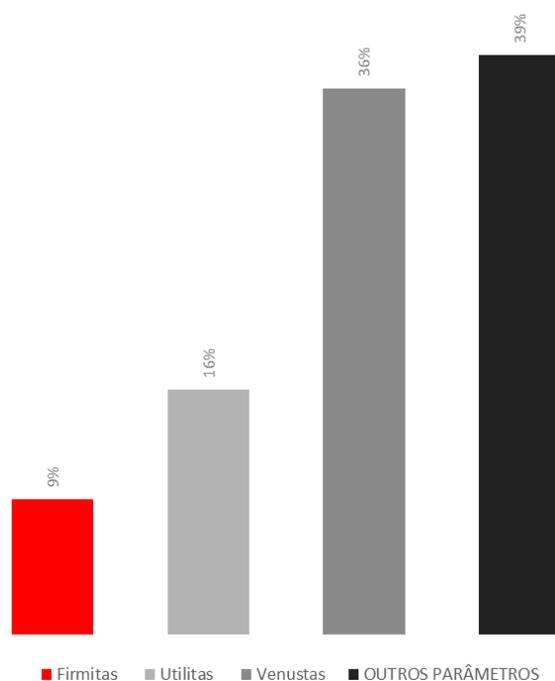


Gráfico 15 – Percentagem de utilização dos parâmetros da matriz de análise na historiografia canónica portuguesa (1973-2015) - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

### Considerações finais

A revisão historiográfica que efectuámos a um conjunto de obras, que, nos últimos cinquenta anos, contribuíram para a construção de uma historiografia canónica portuguesa (1973-2015), demonstrou que as histórias de referência seleccionadas, não tendem a focar-se no sistema construtivo. A importância que a tríade vitruviana nos revelou, no âmbito da análise disciplinar que conduziu, decorre do equilíbrio que poderia ter introduzido, na estruturação do discurso que foi utilizado para descrever a

arquitetura portuguesa do século XX. O seu carácter agregador, poderia ter evitado que a imagem dominasse os relatos historiográficos. A análise de pendor disciplinar, que empreendemos, começou por nos revelar, uma relação equilibrada, entre tradição e modernidade. O caso português incorpora características que procuram dar uma resposta adequada às particularidades da sua arquitetura moderna. Uma das especificidades que revela, quando comparada com a historiografia internacional, é a importância que irá atribuir, à relação, entre a obra e a envolvente, e à tradição, enquanto processo de transmissão cultural. A revisão que efectuámos alerta-nos para a necessidade de manter uma *postura crítica*, diante dos desequilíbrios que possam vir a contaminar a análise historiográfica contemporânea. O método qualitativo, e quantitativo, que dirigiu esta análise, além de estar na origem, de um modo, particular, de olhar para as histórias de referência, poderá abrir outras linhas de investigação em arquitetura. A *atitude crítica*, que irá persistir, e consolidar-se, na sequência dos processos desencadeados pela revisão historiográfica, poderá criar, por via de uma ligação, à prática arquitetónica, novas possibilidades de construção de estruturas conceptuais, essenciais em qualquer projeto de arquitetura. A revisão historiográfica que levámos a cabo, revelou-nos, assim, a importância da história, enquanto ferramenta, no processo de conceção em arquitetura.

## **Bibliografia**

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel - A Arquitetura Moderna. In AAVV – **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. Volume 14.

ARNOLD, Dana; ALTAN ERGUT, Elvan; TURAN OZKAYA, Belgin - **Rethinking Architectural Historiography**. Abingdon: Routledge, 2006.

BANDEIRINHA, José António - **Quinas vivas - Memória Descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40**. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1996.

BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa: Prestel. 1997.

CARVAJAL, Ángel Isac Martínez de - A história da arquitetura do século 20. Modelos historiográficos. In: IBÁÑEZ, María Pilar Biel (coord.) - **Lições dos mestres: abordagem histórico-crítica aos grandes historiadores da arquitetura espanhola**. 2011, pp. 35-58.

DE LA VEGA DE LEON, Marcarena - **The Historiography of Modern Architecture: Twenty-five Years Later**. Athens: [s.n.]. ATINER'S Conference Paper Series, 2014.

FERNANDES, José Manuel – **A Arquitetura**. In AAVV - Sínteses da Cultura Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Comissariado para a Europália 91, 1991.

FERNANDES, José Manuel - **Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo**. 1.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: IPPAR, 2003.

FERNANDEZ, Sérgio - **Percurso: Arquitectura portuguesa 1930-1974** (prefácio de Alexandre Alves Costa), Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1985.

FRAMPTON, Kenneth - Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance, In FOSTER, Hal - **The Anti-Aesthetic: Essays of Post-modern Culture**. Port Townsend (Washington): Bay Press, 1983. p. 16-30.

FRANÇA, José-Augusto - **A Arte em Portugal no século XX – 1911-1961**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

GARIBAY, Maria Lizbeth Aguilera – **La historiografía de la arquitectura de Panayotis Tornikiotis. Ensayo introductorio y traducción**. Mexico: Universidade Ibero Americana. Tese submetida para obtenção de grau de Mestre em Historia. 2004.

GOMES, Paulo Varela - Arquitectura, os últimos vinte cinco anos – Arquitectura Portuguesa do Século XX. In PEREIRA, Paulo, **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Temas e Debates, 1995. Vol. 3, p. 547-591.

GUTIÉRREZ, Ricardo Malagón - La historiografía de la arquitectura moderna: un proyecto político - discursivo de la arquitectura. In: GUTIÉRREZ, Ricardo Malagón - **La experiencia de la arquitectura en el proyecto y el objeto**. Primera Edition. Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano. 2010. pp. 59-115.

LAURINO, Daniela Arias - **La construcción del relato arquitectónico y las arquitectas de la modernidade. un análisis feminista de la historiografía**. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, Tesi doctoral, UPC, Departament de Teoria i Història de l'Arquitectura i Tècniques de Comunicació, 2018.

LEACH, Andrew - **What is Architectural History?** Polity Press, Cambridge, 2010.

LUNA, Hernán Lamedda - **Cuatro historiadores, cuatro aproximaciones a la historia de la arquitectura contemporánea: Zevi, Tafuri, Jencks y Frampton**. Caracas: Trienal de Investigación FAU 2017, História y patrimonio, 2017.

MAIA, Maria Helena; CARDOSO, Alexandra – O Inquérito à Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal. In: **Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em homenagem a José-Augusto França** - Sessões Simultâneas (2<sup>a</sup> edição revista e aumentada). Lisboa: APHA. 2015, p. 535-546.

MIRANDA, Ruben García - **Historiografía de la Arquitectura Moderna. El caso latino-americano**. Uruguai: Faculdade de Arquitectura de la Universidad URT Uruguay, 2017. 121 p. Dissertação de Mestrado em Arquitectura.

MOISSET, Inés - **Marina Waisman: Reinventar la crítica**. 1.<sup>a</sup> Edição - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Inés Moisset de Espanes, 2018.

PANAYOTIS, Tournikiotis - **The Historiography of Modern Architecture**. The MIT Press, 1999.

PEREIRA, Nuno Teotónio, FERNANDES, José Manuel - A arquitectura do fascismo em Portugal. **Arquitectura**. Lisboa: 4<sup>a</sup> Série, N.º 142 (jul. 1981), p. 38-49.

PEZZI, María Emilia Hernández - **Historiografía de la arquitectura moderna**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Geografía e Historia. Departamento de Arte, Tesi doctoral, 1988.

PINTO, Jorge Cruz - **Arquitetura Portuguesa: a Imagem de Caixa**. Lisboa: ACD Editores, 2009. Volume III.

PORTAS, Nuno - A evolução da arquitetura moderna em Portugal: uma interpretação. In BRUNO, Zevi - **História da Arquitectura Moderna**. Lisboa: Arcádia, 1973. p. 687-746.

RAMOS, Rui - **Modernidade Inquieta. Arquitectura e identidades em construção: desdobramento de um debate em português**. 1.<sup>a</sup> Edição. Porto: Afrontamento, 2015.

TOUSSAINT, Michel - **Da arquitetura à teoria: teoria da arquitetura na primeira metade do século XX**. Lisboa: Caleidoscópio, 2012.

UCHA, Maria Margarida Perdigão Festas Mariño - **“Português Suave” e “Arquitetura Doce”: contributos para uma historiografia da arquitetura portuguesa**. Lisboa: ISCTE, 2015. Dissertação de mestrado.

WAISMAN, Marina – **La estructura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985.

WAISMAN, Marina – **O interior da história: historiografia arquitetónica para o uso de latino americanos**. São Paulo: Perspetiva, 2013.

ZEIN, Ruth Verde - O vazio significativo do cânon. **V!RUS**, São Carlos, n.º 20, 2020.

ZEIN, Ruth Verde – **Revisões historiográficas: Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021.